



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

**LEITURA TEOLÓGICA SAPIENCIAL DA BÍBLIA:
UM OLHAR A PARTIR DA OBRA “SENTENÇAS E PROVÉRBIOS”,
EM HOMENAGEM A MILTON SCHWANTES¹**

*Theological sapiential Bible reading:
a view from the book “Sentenças e provérbios”,
in homage to Milton Schwantes*

Adilson Schultz²

Resumo: O tema deste artigo é a intencionalidade sapiencial que funda a narrativa bíblica e organiza sua lógica enquanto obra teológica. Mais do que a teologia histórico-salvífica do eixo êxodo-Lei-profetismo, vale na edição do texto aquela teologia da criação do eixo popular-sapiencial-apocalíptico; no lugar do Deus que conduz a história, o ser humano que precisa dar conta da vida cotidiana; não mais a força normativa das sentenças éticas dos profetas e da Lei, mas a categoria *razão* humana como qualificadora da ética nos sapienciais. O argumento é discutido a partir do livro *Sentenças e provérbios* (2009), de Milton Schwantes, grande pesquisador e professor de Bíblia, também pastor evangélico de confissão luterana, e recentemente falecido (2012). A primeira parte do texto, em tom de memorial e homenagem, apresenta três experiências pessoais edificantes com Milton e seu método de leitura teológica da Bíblia. A segunda parte do texto trata do desenvolvimento do argumento sapiencial na citada obra de Milton, e em tom de resenha apresenta a obra em questão capítulo a capítulo. A terceira e última parte do texto trata justamente da marca eminentemente sapiencial do texto bíblico, enfocando especialmente os escritos e o pós-exílio, quando a crise do profetismo e do reinado faz surgir uma certa sabedoria apocalíptica. Ao final é apresentada ainda a hipótese das origens sapienciais do próprio profetismo.

Palavras-chaves: Sentenças e provérbios. Milton Schwantes. Teologia sapiencial. Leitura teológica da Bíblia.

Abstract: The subject of this article is the sapiential intentionality that founds the Biblical narrative and organizes its logic as theological work. More than the historic-salvific theology of the Exodus-Law-Prophetism axis, it is important in the text editing that

¹ O artigo foi recebido em 13 de agosto de 2013 e aprovado em 20 de setembro de 2013 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Teólogo e sociólogo. Doutor em Teologia pelo IEPG/EST. Professor na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e no Instituto Metodista Izabela Hendrix, Belo Horizonte/MG, Brasil. Contato: adilson.schultz@gmail.com

Theology of Creation of the folk-sapiential-apocalyptic axis; in the place of the God who guides history, the human being who needs to take care of daily life; no more the normative force of ethical judgments of the prophets and the Law, but the category human *reason* as a qualifier of the ethics in the sapientials. The argument is discussed based on the book *Sentenças e Provérbios* (2009), of Milton Schwantes, great researcher and Bible teacher, also evangelical pastor of Lutheran Confession, and recently deceased (2012). The first part of the text, in a tone of memorial and tribute, presents three uplifting personal experiences with Milton and his method of theological Bible reading. The second part of the text is about the development of the sapiential argument in the aforementioned work *Sentenças e Provérbios* of Milton, and, in tone of review, presents the work in question chapter by chapter. The third and final part of the text deals precisely with the eminently sapiential trace of the biblical text, especially focusing on the Writings and the post-exile, when the crisis of the prophetism and of the reign gives rise to a certain apocalyptic wisdom. At the end, it is also presented the hypothesis of the sapiential origins of the own prophetism.

Keywords: Sentenças e provérbios. Milton Schwantes. Sapiential theology. Theological Bible reading.

Introdução

O tema deste artigo é a intencionalidade sapiencial que funda a narrativa bíblica e organiza sua lógica enquanto obra teológica. O argumento é discutido a partir do livro *Sentenças e provérbios* (2009), de Milton Schwantes, reconhecido pesquisador e professor de Bíblia, também pastor evangélico de confissão luterana, e recentemente falecido (2012), a quem homenageio nesta pesquisa.

A primeira parte do texto, em tom de memorial e homenagem, apresenta três experiências pessoais edificantes que tive com Milton Schwantes e seu método de leitura teológica da Bíblia. Para Milton, todo texto, seja um versículo, um conjunto de ditos, um livro ou a Bíblia inteira, precisa ser interpretado como obra eminentemente teológica, se se quer que ele tenha sentido, aspecto que se torna especialmente relevante diante das reiteradas tentativas impacientes de ler o texto bíblico em perspectiva sociológica, filosófica, psicológica ou mesmo doutrinária.

A segunda parte do texto trata do desenvolvimento do argumento sapiencial na citada obra de Milton, e em tom de resenha apresenta a obra em questão capítulo a capítulo. Destaque-se aí o método de diferenciação e interpretação de um provérbio e uma sentença, e aplicação do método na interpretação de Provérbios. Destaque também para a busca de uma leitura da Bíblia a partir do eixo da teologia da criação, de cunho mais sapiencial-popular-apocalíptico, em substituição ao eixo êxodo-Lei-profetismo da teologia histórico-salvífica.

A terceira e última parte do texto trata justamente da tese que defende a marca eminentemente sapiencial do texto bíblico, enfocando especialmente os escritos e o pós-exílio, quando a crise do profetismo e do reinado faz surgir uma certa sabedoria apocalíptica. Milton mostra que a Bíblia, considerando aqui especialmente o Antigo Testamento, enquanto obra teológica, carrega um viés sapiencial em sua composição.

Ao final dessa parte é apresentada ainda a hipótese das origens sapienciais do próprio profetismo.

Três experiências marcantes com Milton Schwantes e a leitura teológica da Bíblia

Destaco três experiências acadêmicas marcantes e espiritualmente edificantes que tive com Milton Schwantes³, uma delas com a obra aqui comentada, *Sentenças e provérbios*⁴, e as três ligadas ao tema que sustenta o argumento deste artigo, qual seja, a intencionalidade teológica sapiencial que funda o texto bíblico. A primeira experiência foi a leitura do desprezioso livro *Projetos de Esperança: meditações sobre Gênesis 1-11*⁵, já em 1992, durante o curso de teologia na então Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo/RS. Foi revelador descobrir que Gn 1-11 se estrutura não a partir da criação do mundo em Gn 1 e 2, mas em torno da narrativa do dilúvio em Gn 6-9. Milton propunha ler o trecho com as chaves hermenêuticas da esperança e do conflito, como memória de um projeto de Deus que quer salvar a humanidade toda, com o que ficavam em segundo plano aspectos históricos e mitológicos do texto. Gn 1-11 falava agora não de como o mundo foi, mas de como se espera que o mundo seja! “A esperança de Israel está no passado”, dizia Milton. Tudo tão simples, mas tão revelador naquele momento mágico dos primeiros estudos de teologia! Hoje são os meus alunos que se admiram ao ver o esquema com a estrutura concêntrica de Gn 1-11 que Milton apresenta no livro, com a narrativa do dilúvio situada bem no centro da estrutura, as demais unidades ali colocadas concentricamente ao seu redor como se fossem iluminuras – as genealogias de Gn 5 e Gn 10 compondo um par, o relato de culpa e castigo de Gn 2, 3 e 4 fazendo par com o texto de Babel em Gn 11.1-9, e Gn 1 apontado tanto para o dilúvio como fazendo par com Gn 11.10-26.

A segunda experiência marcante que tive com Milton e com a leitura teológica da Bíblia foi a oportunidade de participar de um seminário de estudos bíblicos que ele oferecia na pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo/SP, ao longo do primeiro semestre de 1998. O tema era pouco cativante, mas logo se revelaria surpreendente: *As doze tribos de Israel*. Era impressionante ver o grupo de alunos passando uma tarde inteira debruçado sobre a Bíblia, ou olhando mapas, e procurando, por exemplo, vestígios que pudessem qualificar a perspicácia política da tribo de Issacar ao trocar Saul por Davi (1Cr 12.32), ou buscando as memórias subversivas em torno de Rubem, que fazia jus ao lugar de “segundo filho”, ou então pesquisando os conflitos entre os grupos (?) de tribos, reunidos em torno de suas respectivas mães Lia, Raquel, Bilá e Zilpa, esposas e concubinas de

³ Milton Schwantes faleceu em 1º de março de 2012, em São Bernardo do Campo/SP. Doutor em Teologia, foi professor e pesquisador da Bíblia e pastor evangélico luterano (IECLB).

⁴ SCHWANTES, Milton. *Sentenças e provérbios*: sugestões para a interpretação da Sabedoria. São Leopoldo: Oikos, 2009.

⁵ SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança*: meditações sobre Gn 1-11. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 1989.

Jacó. Milton propunha a chave hermenêutica do conflito e do cotidiano como forma de interpretar os textos, e assim ia se revelando lentamente a concretude da Bíblia, sempre tão real, rivalizando com qualquer traço sobrenatural mais insistente. Não havia ali qualquer intenção meramente espiritual, mas sempre intenção teológica, que fazia sempre a Bíblia falar para a realidade. Uma chave tão simples, mas tão reveladora e decisiva para aquele período quando eu iniciava meu ministério pastoral. De repente as fatídicas genealogias de 1Cr 1-10 se transformavam na mais viva palavra Deus, cheias de novidades sobre as doze tribos. Os textos do encontro das tribos sob a autoridade de Débora em Jz 5.14-18 e da confraternização cerimoniosa das tribos sob Josué em Js 24 foram minunciosamente lidos não mais como meros textos de história, mas se fazendo textos paradigmáticos de um modo de existência para a humanidade toda. Qual não foi a surpresa ao descobrir no tribalismo pré-monárquico o berço de conceitos teológicos que se supunham ser tão modernos, como o messianismo retratado na bênção de Jacó a seu filho Judá em Gn 49.8-12 – *até que venha Siló!* Havia uma intencionalidade teológica em qualquer texto, e a memória das doze tribos falava de um outro tempo e de um outro lugar – não mais o passado, mas o projeto de futuro; não mais de uma tribo perdida na Palestina, mas do mundo todo.

A terceira experiência marcante que tive com a leitura teológica da Bíblia proposta por Milton, enfim, é aquela que nos coloca dentro da obra aqui comentada, destacando a marca teológica sapiencial dessa leitura: trata-se de um curso que ele ministrou por ocasião de uma reunião de pastores e pastoras da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que participei, em Campinas, em 2006, quando Milton já estava doente – *“enxergando só por uma brecha de 20%”*, como ele mesmo dizia – e era evidente seu esforço adicional para trabalhar e seguir adiante. Ai ele apresentou, numa manhã e numa tarde, um esboço do que viria a se constituir o texto *“Sabedoria: textos periféricos?”*, artigo que fecha o livro aqui discutido, *Sentenças e provérbios*⁶. Numa espécie de curso de introdução à teologia sapiencial no AT, Milton mostrou como o profetismo, que foi sucedido pela sabedoria a partir do século V a.C., estava já ele marcado pela sabedoria desde o início, inclusive os textos dos profetas e da Lei, e que a clássica oposição entre profecia e sabedoria poderia ser substituída por uma espécie de correlação, fazendo surgir a “sabedoria apocalíptica”. Num dia de puro deleite, Milton foi apresentando, livro a livro, a sapiência no Pentateuco, depois nos profetas, e finalmente e especialmente nos escritos. Quando chegou em Crônicas, último livro da Bíblia hebraica, erra irrefutável a tese de que a teologia sapiencial, marcadamente apocalíptica, pós-monárquica e pós-profética, é não apenas o fio vermelho dos escritos, mas também fundamental para entender toda a teologia do AT. Nesse espírito sapiencial é que a maioria dos textos do AT foram “editados” ou fechados – e será também esse o ambiente teológico sapiencial que recebe Jesus e seu messianismo escatológico – um pós-profeta?

⁶ Uma versão digital desse capítulo está em SCHWANTES, Milton. Sabedoria: textos periféricos? In: *Estudos de Religião*, Ano XXII, n. 34, p. 53-69, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/219>>. Acesso em: 03 maio 2013.

A parte final do presente texto voltará ao argumento desse curso sobre a sapiência, não apenas porque traz o argumento central do presente artigo, mas também porque é o mesmo tema do último capítulo do livro “Sentenças e provérbios”, aqui discutido. Antes disso é necessário tratar de entender a obra como um todo, onde ficará evidente como a tese de Milton sobre a sabedoria apocalíptica vai sendo construída.

O livro *Sentenças e provérbios*

Sentenças e provérbios tem ao todo nove capítulos, mais introdução e referências, distribuídos ao longo de 208 páginas, e foi editado em 2009 pela Editora Oikos, de São Leopoldo/RS. Da **introdução** registro a insistência do autor para mostrar que a Bíblia opera na lógica de considerar a *sabedoria de viver* tão importante quanto a *mudança no viver*. Com isso Milton tenta neutralizar uma pretensa superioridade da profecia, comum na leitura bíblica contemporânea e na hermenêutica latino-americana.

A meta da sabedoria é a vida toda. Nela, fazer pão e cuidar das crianças (Salmo 131) são tão relevantes quanto celebrar o perdão (Salmo 130). [...] Dormir (Salmo 121) e lutar pela justiça (Salmo 120) e o cuidado com as tarefas da roça (Salmo 126) andam de mãos dadas. [...] O conjunto do que se vive dia a dia participa da vida com Deus.⁷

O **primeiro capítulo** de *Sentenças e provérbios* trata do estado atual (2009) da pesquisa sobre a literatura sapiencial da Bíblia. Depois de apresentar a teoria exegética para a datação da sabedoria no pós-exílio, num ambiente pós-monárquico e pós-profético, Milton mostra a relevância da distinção entre sentenças e provérbios, sem a qual fica comprometida a interpretação do sentido dos textos sapienciais: provérbios são mais elementares, com uma só frase, e sentenças são mais elaboradas, com duas ou mais frases; sentença é formulação posterior, geralmente oriunda de meio acadêmico ou erudito, para uso pedagógico e moral, e que se baseia num provérbio, esse sua formulação original, ligado à sabedoria popular. Daí que, na busca do sentido do texto de sabedoria, deve-se procurar sempre a formulação mais elementar, *o provérbio por trás da sentença*:

Dito de modo simples: provérbios são da vida cotidiana, “popular”, por assim dizer; sentenças tendem a ser “escolares”. Sem a constatação do provérbio, perder-se-ia, pois, inevitavelmente, o sentido vital da sabedoria, sufocar-se-ia a “verdade concreta”. Sumiria o povo, as pessoas com suas intuições, expressas nos provérbios, e ficariam as frases de efeito e as postulações de quem estuda. E, a meu ver, o que importa é que se mantenham vinculados ambos, de tal forma que uns interpretem a outros, que a proverbialidade explane a sentença e que esta brote daquela⁸.

⁷ SCHWANTES, 2009, p. 10.

⁸ SCHWANTES, 2009, p. 16.

O **segundo capítulo** do livro *Sentenças e provérbios* trata do tema *pobre* na sabedoria, e é uma versão de um dos capítulos da tese de doutorado de Milton, “O direito dos pobres”, de 1974⁹. Depois de cotejar exegeticamente inúmeras passagens bíblicas sapienciais, Milton debate a incômoda aparente “naturalização” da pobreza e da riqueza na literatura sapiencial, apoiada que está na teologia da criação – por exemplo, Jó 22.2: “Rico e pobre se encontram; quem cria a todos é Javé”; ou então em Jó 29.13: “Pobre e violento se encontram; a ambos, Javé dá o reluzir dos olhos” – em detrimento da confortável explícita denúncia da pobreza e da riqueza na teologia do profetismo, esta baseada nos eventos histórico-salvíficos de Israel. Diante disso Milton pergunta: “Estariam com isso pobreza e riqueza sancionadas como elementos constitutivos e inalienáveis da ‘ordem da criação’, oriundas da vontade divina?”¹⁰. Seriam a pobreza e a riqueza “vontade de Deus”? Para além da clássica oposição “teologia da criação” *versus* “teologia histórico-salvífica”, Milton resolve a questão falando em *convivência restrita*: nada escapa ao olhar da sabedoria, ela não deixa nada escondido, e aí “as contradições se encontram”¹¹, sendo inevitáveis a relação e o choque de pobreza e riqueza. Mas os “contrastes sociais não são nem confirmados nem eternizados. São constatados como existentes e não simplesmente ignorados. Essa desigualdade é superada pelo enunciado da criação humana; como criaturas, ricos e pobres são iguais”¹². De fato não aparece na sabedoria o fundamento histórico-salvífico que denuncia a pobreza, mas o incômodo também é transformador, e aparece na estratégia da constatação comum à sabedoria, mostrando que a pobreza fere a ordem na criação de Deus.

O **terceiro capítulo** do livro é originalmente um sermão para uma cerimônia de bênção matrimonial (!) feito por Milton para amigos em 1975, depois ampliado em texto, baseado em Provérbios 18.22: *achou mulher, achou o bem! E recebe aceitação do senhor!* Após um breve debate exegético dos termos, Milton destaca a força teológica da sapiência ao englobar “a aparente pequena felicidade humana e mundana, que diz *achou mulher, achou o bem*, no agir de Deus”¹³. Isso espiritualiza o matrimônio? De modo algum, responde Milton: “Um bom matrimônio continua sendo [apenas] um bom matrimônio. Ele não tem que ser forçado para dentro de outros adjetivos mais ‘santos’ ou mais ‘cristãos’”¹⁴. Bem antes parece haver uma inversão, a humanização do espiritual. Assim, esse verso é, para Milton, um grande exemplo de como a teologia sapiencial do provérbio opera por dar dignidade divina ao que pode parecer insignificante, sobretudo as coisas do cotidiano, operando não pela divinização da realidade, mas tornado o critério de divino mais real, mais próximo.

⁹ A editora Oikos acaba de traduzir e lançar no Brasil a tese de doutorado de Milton Schwantes sob o título “O direito dos pobres” – www.oikoseditora.com.br

¹⁰ SCHWANTES, 2009, p. 49.

¹¹ SCHWANTES, 2009, p. 49.

¹² SCHWANTES, 2009, p. 50.

¹³ SCHWANTES, 2009, p. 60.

¹⁴ SCHWANTES, 2009, p. 60.

O **quarto capítulo** trata da ética nos escritos sapienciais, baseado em Provérbios 25. Um longo estudo exegético de cada versículo do capítulo mostra como o texto apenas constata a corrupção e o problema dos governantes, sem querer, inicialmente, estabelecer normas ou perscrutar ordens cósmicas que legitimariam uma moral duvidosa. Fica evidente que Deus é quase irrelevante nesse capítulo; o que vale é a imanência, a vida real com suas alegrias e corrupções. Em seguida Milton amplia sua análise para todos os sapienciais, e esboça a categoria *razão* humana como qualificadora da ética nos sapienciais, em detrimento da força normativa de viés histórico-salvífico das sentenças éticas comum aos profetas e à Lei.

[Nos sapienciais] as normas éticas são fundamentadas por explicações e argumentos que visam convencer o interlocutor. A validade do apelo é afirmada através de sua praticabilidade, utilidade, racionalidade. Aqui a ética emerge da razão! [...] Em outros contextos vetero-testamentários o argumento ético decisivo justamente não é buscado no nível da racionalidade, mas provem de eventos histórico-salvíficos.¹⁵

Milton ingressará, em seguida, num interessantíssimo debate da teologia da libertação: a teologia de seu tempo – o texto é de 1984! – privilegiava em demasia o fundamento histórico da ética bíblica, com muito Êxodo, esquecendo a racionalidade do apelo sapiencial, mais baseada na razão do indivíduo. Aqui fica evidente o quanto a sabedoria precisa da teologia da criação para ser entendida, pois “sabedoria é uma espiritualidade oriunda da fé no criador”¹⁶; as pessoas são criaturas de Deus, e interessar-se por elas, por sua vida cotidiana, por sua realidade, é tarefa teológica. Por um lado, Milton admite que

[é necessário] expor a teologia da criação, da qual a sabedoria é um representante mais genuíno do que Gênesis 1-11, cujos textos se encontram sob o impacto da fé histórica, à crítica da teologia dos eventos salvíficos, [mas por outro lado] seria valioso se reencontrássemos caminhos que propiciem o diálogo entre estas duas propostas, aparentemente divergentes, sobre a motivação ética¹⁷.

O **quinto capítulo** apresenta um método para ler e interpretar sentenças e provérbios, estruturado em seis passos: a) ter percepção exata do texto hebraico, a fim de descobrir o provérbio escondido por trás da sentença – Milton destaca que a simples comparação do texto hebraico com a Septuaginta já permite ver nesta uma espécie de empobrecimento sentencial posterior dos provérbios originais; b) marcar bem a delimitação da sentença, resistindo à divisão tardia por versículos – um falso versículo pode agrupar duas sentenças; c) verificar e definir a dinâmica poética interna da sentença, com repetições ou paralelismos; d) verificar a autonomia das partes ou o significado de termos específicos da sentença; e) considerar a origem histórica da sen-

¹⁵ SCHWANTES, 2009, p. 80.

¹⁶ SCHWANTES, 2009, p. 89.

¹⁷ SCHWANTES, 2009, p. 88.

tença como sendo geralmente do pós-exílio e dos círculos sapienciais e do provérbio sendo geralmente mais antiga e memória “da casa”, do pastoreio, do trabalho; f) definir sentido, intenção e forma poética do texto, sempre com a preocupação de deixar o sentido aberto para quem lê.

O **sexto** e o **sétimo capítulos** mostram exemplos da aplicação desse método desenvolvido no capítulo anterior, apresentando duas experiências coletivas de tradução-exegese com alunos e alunas de graduação e pós-graduação de Milton. Cada aluno e aluna apresenta o estudo de um ou dois versículos dos capítulos 12 e 18 de Provérbios, sempre tentando desvendar a origem proverbial das sentenças. Entre as alunas e alunos de Milton, coautores desses capítulos 6 e 7, portanto, figuram vários pesquisadores e pesquisadoras hoje biblistas, como Maricel Mena López, Wilhelm Nordmann e Roberto Natal Baptista. Um simples exemplo do fascinante trabalho de análise, em Pv 12.1¹⁸:

<i>Quem</i>	<i>ama</i>	<i>educação</i>	
	<i>ama</i>	<i>conhecimento.</i>	
<i>E quem</i>	<i>odeia</i>	<i>orientações</i>	<i>é qual animal.</i>

Milton destaca o paralelismo antitético dos verbos (ama-ama-odeia), a estrutura poética perfeita, a correspondência simétrica dos objetos (educação-conhecimento-orientações) – que, embora dentro do mesmo campo, são semanticamente distintos –, e o surpreendente final “é qual animal”, opondo o sujeito do terceiro verso, em sua animalidade, ao sujeito educado “que sabe o que fazer” dos dois versos iniciais.

O **oitavo capítulo** trata do debate hermenêutico sobre paralelismos e repetições a partir de Pv 10.1: *Filho sábio alegre o pai; filho tolo – tristeza de sua mãe*. Milton questiona a ideia de tomar a chave do paralelismo para interpretar a língua ou a cultura hebraica, que opera por fazer o sentido do texto derivar da complementaridade de frases justapostas ou paralelas, como seria o caso do versículo em questão. Para Milton, a tese de que um dito neutraliza o outro gera um relativismo ético na interpretação do texto que é estranho à profecia, essa a alma ética da cultura hebraica, sem a qual tudo perde sentido na Bíblia: “nem sempre a vida tem dois ou mais aspectos. Só tem um. Fome é fome. Não se percebe melhor a fome comparando-a continuamente com a abastança”¹⁹. Milton defende que as sentenças proverbiais trabalham não a repetição ou o paralelismo neutralizador, mas o *inusitado*, a comparação inesperada. “Sucede que é o inusitado o que marca a poesia hebraica. Nela se anseia pelo novo, pelo que ainda não pôde dizer, pelo que talvez só em contorções se possa expressar.”²⁰

¹⁸ SCHWANTES, 2009, p. 101.

¹⁹ SCHWANTES, 2009, p. 171.

²⁰ SCHWANTES, 2009, p. 178.

O argumento da leitura sapiencial da Bíblia

O **nono capítulo** do livro *Sentenças e provérbios* expõe a lógica teológica da edição dos escritos como obra sapiencial. Milton demonstra a tese livro a livro nos escritos, de Salmos a Crônicas, destacando a superação do profetismo clássico. Logo no começo, destaque para a pauta sapiencial do Salmo 1, que marca a maioria dos **Salmos**: *orar, temer a Deus, permanecer unidos a ele*. Teologicamente isso quer dizer o seguinte: Já que não há mais profetas, já que não há mais rei nem reinado a criticar, e a realidade imperial do pós-exílio torna impossível o projeto histórico de Israel, trata-se de viver a fidelidade a Deus, anunciar a esperança e cuidar uns dos outros.

Jó vem em sequência (Milton nota que Jó foi colocado justamente aí pelo editor sapiencial da Bíblia hebraica, e se colocado antes de Salmos, como está na Bíblia cristã, perde sua força), e apresenta uma típica lamentação sapiencial produzida no contexto da vida sofrida que seu ator principal denuncia. Jó mostrará que até as eventuais e frágeis saídas que havia nos Salmos, como a confiança em Deus, desapareceram. Não há saída para pobres, enfermos e sofredores nesse novo mundo de Israel (Jó 3)! A própria ação de Deus é fugaz e provisória, vazia e pouco confortante, quase sempre apelando para exibições de força e poder com fogo e trovões – nas palavras quase hilariantes de Milton, em referência a Jó 40.15ss: “Em outras palavras, e com todo respeito, tamanho de hipopótamo não conforta das dores em meio às cinzas e à marginalidade”²¹. Assim, a literatura sapiencial de Jó é testemunho do fracasso da religião de Israel.

Provérbios também apresenta uma resposta decepcionante para a dor e a pobreza à qual o povo estava submetido, embora conserve um sempre tentador encanto poético. Temos aí apenas lampejos para quem está na escuridão, mas que não conseguem iluminar a saída. A solução para não cair no desespero é agarrar-se às pessoas próximas, e aí fazer uma vida que valha à pena. Não há aí mais esperança radical, mas pitadas de alegria para o dia a dia de sofrimento.

Depois Milton mostra o mesmo aspecto nos livros menores, começando por **Rute**, que apresenta um modelo de sabedoria de vida, que precisa ser arranjada e bem organizada, valorizando a astúcia, a família e as relações. Assim também a saída mostrada em **Cântico dos cânticos**: um novo homem e uma nova mulher é o que interessam; nada de um novo país! **Eclesiastes** extrapola a marca cotidiana com seu jeito leve de decidir o rumo da vida de acordo com o fluir dos acontecimentos – o ideal de ser humano é um *flâneur*. Há ainda os relatos horríveis das **Lamentações**, que repisam o sofrimento dos Salmos, e finalmente **Esdras, Neemias e Crônicas**, que, embora marcadamente sapienciais, estão ensaiando dar novos espaços saudosistas para a Lei e os profetas.

Na literatura tardia do século II (talvez Pv 1-9, talvez Joel, e Salmo 120-134) aparece um enfoque apocalíptico na sapiência, talvez uma apocalíptica profética, configurado historicamente a partir das tentativas de revolta contra o império grego

²¹ SCHWANTES, 2009, p. 186.

dos ptolomeus egípcios e selêucidas siros. Não são protestos reais, mais bem voz de desespero, clamando por uma ética do temor do senhor (Pv 1.7) e certa sabedoria militante guiada por Deus (Pv 8.22). Essa sabedoria apocalíptica embalou as tentativas no norte da África para aproximar a teologia judaica ao mundo e ideologia gregos – das quais a Septuaginta é um exemplo –; também animou a inconformidade dos revolucionários macabeus, que embora não plenamente exitosos politicamente, deixaram marcas teológicas profundas em Israel; e finalmente, a sabedoria apocalíptica deixou marcas sapienciais na teologia de Jesus, desde seu messianismo marcadamente escatológico até sua ética “sapiencial” em “felizes os pobres em espírito” (Mt 6.3).

Não há dúvida que essa sabedoria apocalíptica pode ser lida como um sinal de protesto em favor da esperança. É um testemunho insistente de fé na vida mesmo diante de um quadro de falta de perspectivas. Nas palavras de Milton, agora tão especialmente significativas (!):

Horizontes contidos não necessariamente obscurecem o dia-a-dia. Cancelas fechadas ainda não acabam com a vida, ainda que a encurtem. Tempestades no horizonte tendem a aproximar pessoas, corpos, pois o medo que vem pode agrupar²².

Apesar de certo traço profético-ético dessa sapiência tardia de recorte apocalíptico, Milton insiste na tese de que a literatura sapiencial não pode ser forçada pela profecia clássica, pois não há aí referência aos eventos histórico-salvíficos do eixo profético. O Êxodo nunca aparece na sapiência.²³ Retomando a tese do capítulo dois do livro, Milton dirá que se a sabedoria carrega um certo apelo a adequar ou melhorar o convívio social, isso se faz em referência à teologia da criação, apelando para a dignidade inerente ao humano, e não para um projeto de futuro. E retomando o capítulo quatro do livro, Milton repisa a tese da ética baseada na racionalidade, e não na Lei:

[certamente] há na sabedoria muitas propostas e propósitos éticos, mas estes não vêm embainhados em reflexões histórico-salvíficas, como no livro do Deuteronômio ou em Êxodo 20-23. A ética se estabelece por ela mesma, pela evidência com que se impõe, ou pela racionalidade que lhe é inerente²⁴.

E Deus? Qual sua relevância na literatura sapiencial? Milton explora esse aspecto desafiante dos escritos dizendo que se Deus não está totalmente excluído, está pelo menos longe de ser uma figura central na sabedoria. E na sua versão positiva e apaziguadora: “Javé não está no centro. No centro estamos nós, pessoas, e aquilo que fazemos ou deixamos de fazer”²⁵. Aliás, pergunta Milton: será que aqui a sabedoria antevê testemunhos de possíveis forças de transformação fora dos eventos histórico-salvíficos de Israel? A linguagem da sabedoria seria própria para tempos imperia-

²² SCHWANTES, 2009, p. 191.

²³ SCHWANTES, 2009, p. 191-192.

²⁴ SCHWANTES, 2009, p. 193-194.

²⁵ SCHWANTES, 2009, p. 191.

listas, operando a libertação por negociação, e não enfrentamento – essa marca seria explicativa da perspectiva de diálogo que a sabedoria sempre abre.²⁶

Há ainda nesse último capítulo do livro uma promissora linha de pesquisa na qual Milton disse estar ultimamente interessado, qual seja, **buscar na sabedoria a raiz intelectual da teologia profética e dos profetas**.²⁷ A hipótese se abre a partir dos recentes estudos de epistemologia e linguagem: classicamente a profecia tem sido ligada exclusivamente à vocação do profeta, feita unicamente por inspiração de Deus-Javé; aí tudo é palavra de Deus, e o profeta é mero veículo. O advento das novas mediações histórico-religiosas do final do século XX, no entanto, fez surgir a pressão para que a palavra de Deus nunca possa ser só de Deus, reivindicando-se um lugar para a formulação do sujeito profeta na palavra anunciada. E aí vem a questão de Milton: se a profecia é também palavra de profeta, enquanto sujeito histórico, qual seria sua fonte inspiradora? De onde ele tira aquilo que não vem diretamente *de Deus*? Certamente não da teologia do templo ou do jeito da elite intelectual e econômica pensar. Resta, assim, que a palavra do profeta tem origem na sabedoria popular, o que faz a profecia, mesmo a mais antiga, ser voz sapiencial. Se é assim, a profecia teria um viés apocalíptico e universalista desde o início, falando não apenas para Israel, mas para toda a humanidade. Apocalíptica e sabedoria não seriam coisas próprias do pós-exílio ou do fim do profetismo, mas anterior à própria profecia. O próprio evento teológico javista se aproximaria do evento cultural e teológico da sabedoria, aí abrindo a possibilidade de uma releitura de toda a Bíblia a partir da sabedoria.²⁸

Considerações finais

A raiz sapiencial da profecia e do movimento profético ficou como hipótese na trajetória de Milton Schwantes, e a pesquisa foi interrompida por sua morte precoce. Não obstante, há uma magia dialogal tão profunda que se instala entre leitores da Bíblia em perspectiva teológica sapiencial, seja no meio popular e devocional, seja no meio acadêmico, que o futuro da pesquisa é certamente promissor. Descobrir já a intenção teológica de todo texto bíblico é um salto e tanto, especialmente relevante quando se pensa nas hermenêuticas mais impacientes que tentam transformar o texto bíblico em história, ciência, psicologia, filosofia etc. Para além disso, descobrir o viés sapiencial dos textos ilumina a leitura teológica da Bíblia em muitos sentidos, e na minha experiência tem sido gratificante especialmente a marca dialogal que ele cria

²⁶ Quanto à presença da estratégia de “negociação”, menciono aqui a insistência de Milton em ler a experiência de escravidão de 400 anos do povo no Egito justapondo dois paradigmas distintos da historiografia bíblica: a libertação via enfrentamento representada pela memória do ciclo de Moisés em Êxodo 1-15, e a “libertação” via negociação representada pela memória do ciclo de José em Gn 37-50. Assim, tomado como obra teológica, teríamos as cenas de origem em Gn 1-11, depois o grande ciclo da memória dos patriarcas – Abraão de Gn 12 a 25, e Jacó de 26 a 36, e em seguida a memória do povo no Egito, com um primeiro bloco no ciclo de José em Gn 37 a 50, e um segundo bloco em Êx 1-15 com o ciclo de Moisés.

²⁷ SCHWANTES, 2009, p. 196.

²⁸ SCHWANTES, 2009, p. 196.

quando estão juntas na leitura e interpretação pessoas de tradições e experiências espirituais aparentemente antagônicas. Não há dúvidas que o viés sapiencial une, aproxima, cria comunhão e favorece a unidade da leitura. Aí a sapiência é não mais só o fio vermelho que liga teologicamente o texto bíblico, mas que permite a comunhão naquele texto sagrado que realmente interessa, a vida das pessoas hoje – essa que era, me parece, a real intenção do modo de ler a Bíblia desenvolvido por Milton. Foi isso que eu aprendi com ele. E a leitura do livro *Sentenças e provérbios* é, sem dúvida, uma boa porta de entrada nesses estudos.

Referências bibliográficas

- SCHWANTES, Milton. *Sentenças e provérbios: sugestões para a interpretação da Sabedoria*. São Leopoldo: Oikos, 2009.
- _____. Sabedoria: textos periféricos? In: *Estudos de Religião*, Ano XXII, n. 34, p. 53-69, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/219>>. Acesso em: 03 maio 2013.
- _____. *O direito dos pobres*. São Leopoldo: Oikos; Editeo, 2013.
- _____. *Projetos de esperança: meditações sobre Gn 1-11*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 1989.